

INSTITUTO
Documentação
Socioambiental
Fonte: ICARO Brasil nº 177
Data: maio/1999 P: 60-64, 66
Class: 184



ÍNDIO, ARTE E MEMÓRIA

Perto de Goiânia, obra do artista
plástico Siron Franco, 500
colunas compõem nosso
mais belo e tocante
memorial
indígena

Texto e Fotos/Text and Photos:
Werner Rudhart





Siron Franco

Quem pretende visitar, nos arredores de Goiânia, o Monumento às Nações Indígenas, precisa, além de muita paciência, de um bom senso de orientação. As raras placas ao lado das estradas anunciam pouco mais do que loteamentos e borracharias. Quando finalmente se chega ao aglomerado de colunas de concreto que lembra os 500 anos de resistência da cultura indígena no Brasil, a primeira impressão pode ser de abandono. Mas, no seu estúdio a pouca distância, perambulando por entre dezenas de quadros nos quais trabalha ao mesmo tempo, Siron Franco, um dos mais famosos e conceituados artistas plásticos do país, está sempre ligado ao monumento indígena que criou e fez erguer sete anos atrás: "Eu vou lá muitas vezes, também à noite, para buscar força e novos impulsos". Entre todas as suas instalações, para Siron essa ocupa um lugar de destaque, já pela própria história de sua gênese.

Quando o cacique Idjarruri Karajá lhe telefonou em nome do Comitê Intertribal 500 Anos de Resistência convidando-o para criar um monumento às nações indígenas na cidade do Rio de Janeiro, apenas despertou uma idéia que o artista tinha na cabeça há mais de quinze anos. Ela surgiu no dia em que Siron Franco descobriu no Museu do Homem, em Paris, cerâmicas e outros objetos da arte pré-cabralina dos índios do Planalto. Eram de tal beleza que ele próprio, brasileiro, se admirou de nunca ter visto antes e tampouco os índios Karajá lembravam mais de suas antigas maravilhas. O sonho de, algum dia, fazer uma grande colagem com essas peças foi crescendo até a concepção do novo projeto: 500 colunas (significando, cada uma, um ano da descoberta do Brasil) povoadas de artefatos e desenhos indígenas e formando um gigantesco mapa do Brasil.



Nas colunas, que formam um mapa do Brasil, a arte imemorial dos índios do Planalto

The columns featuring the immemorial art of forest peoples form a map of Brazil



MEMORIAL ART

*Deep in the heart of Brazil,
500 columns pay homage to
our forest peoples*

Those who intend to visit the Monument to the Indigenous Nations on the outskirts of Goiânia, the capital of the state of Goiás, need a fine sense of orientation. The scarce road signs merely advertise property developments and tire repair shops. When one finally arrives at the site where a multitude of concrete

columns honor the resistance of Brazil's indigenous cultures to 500 years of Western civilization, the first impression gained may be one of neglect.

Nevertheless, in his studio a short distance away, Siron Franco, one of the best-known Brazilian visual artists, is forever mindful of the monument he built seven



Com as colunas e objetos, Siron conseguiu um surpreendente jogo de luz e sombras, sensível às mudanças do sol e da lua
Franco succeeded in creating an amazing light and shade play that changes with the movements of the Sun and the Moon

Siron convenceu os índios de deslocar o monumento do Rio para o Planalto Central, coração do país. Perto do sítio do artista, no bairro Buriti Sereno de Aparecida de Goiânia, um amigo cedeu o terreno de 12 mil metros quadrados. Outro empresário entrou com US\$ 100 mil, a ser pagos com 15 quadros pintados no decorrer de um ano. Dos garimpos do Mato Grosso Siron resgatou Kleber Gouvêa, outro importante artista de Goiás, seu velho amigo e mentor, que tinha largado a pintura. Com a ajuda de Rosana Rattis, mulher de Siron e também artista plástica, eles comandaram uma operação que Siron relembra hoje como “algo parecido com uma escola de samba”. Em três turnos diários, até 80 operários trabalharam mais de 160 toneladas de concreto e outras tantas de ferro e arame. Depois de 128 dias, as colunas, metade feita com três chapas de cimento – base triangular – e a outra metade com quatro chapas, todas de 2,10 metros de altura, estavam reunidas num círculo asfaltado de 60 metros de diâmetro. Espalhada pelas colunas, a riqueza das três mil cópias de objetos indígenas e de quatro mil transposições de desenhos rupestres é capaz de acabar com o preconceito de muita gente a respeito de “coisa de índio”. “Somente aí registrei mais de 80 formas de como eles resolveram, esteticamente, a cabeça humana e

years ago. Chief Idjarruri Karajá's phone call on behalf of the 500 Years of Resistance Intertribal Committee, asking Franco to create a monument to indigenous nations in Rio de Janeiro, only reinforced an idea the artist had nurtured for over 15 years. It was on a visit to the Museum of Man in Paris that he first saw pre-Columbian earthenware and other artifacts made by forest peoples from the Brazilian Highlands. Being a Brazilian he was surprised that those items had escaped his attention but later he learned that the Karajá themselves had no remembrance of the wonders

turned out by their ancestors. He conceived a new project: a map of Brazil formed by 500 columns, each representing a year since Pedro Álvares Cabral disembarked in the New World in 1500, decorated with drawings and artifacts.

Franco convinced the Native Brazilians to change the site of the monument to the Highlands, the heart of the country. A friend offered him a 12,000-square meter piece of land near the artist's small farm in Aparecida de Goiânia. A businessman put up US\$ 100,000 to be paid back in one year by Franco with 15 pictures.



mais de 20 maneiras de representar o jacaré”, entusiasma-se Siron. Ele fez questão de reproduzir todos esses artefatos sem modificar nada, sem nenhuma interferência de sua parte: “É um monumento de pura admiração”.

Logo depois da inauguração, Siron doou o monumento à Fundação Xapuri, uma ONG de educação ambiental, que tinha como proposta uma série de projetos ambiciosos, mas acabou nem pagando os salários dos três vigilantes que cuidaram do local durante cinco anos. Com a aproximação dos 500 anos do Descobrimento, Siron está com planos de retomar a posse de sua obra e já arranjou novos aliados – o prefeito de Aparecida de Goiânia quer financiar a reforma do monumento e integrá-lo definitivamente aos roteiros turísticos de Goiás.

Bom para o Brasil, bom para os brasileiros. Que ao penetrar naquela floresta de colunas, o visitante é tragado por um mundo surreal, um Brasil tão fantástico como aquele dos primeiros viajantes que, a cada vale, a cada floresta, se arriscavam a encontrar mais um povo, uma outra cultura, uma outra maneira de viver, sentir e desenhar o mundo. ■

Franco summoned Kleber Gouvêa, his former mentor, who had given up painting to work on the placers of Mato Grosso. Franco's wife, Rosana Rattis, who also is an artist, helped the two men direct an operation involving 80 laborers working in three shifts to give shape to 160 tons of concrete and a commensurate amount of rebar and wires. After 128 days, the 2.1-meter columns were within a circle 60 meters around. A treasure comprising 3,000 copies of Indian utensils and 4,000 reproductions of cave drawings formed a bulwark against prejudice. “I recorded more than 80 aesthetic renditions of the human head plus more than 20 manners of representing alligators,”

remarks Franco. He made it a point to copy faithfully all the items, without adding any personal touches. Soon after the inauguration of the monument, Franco donated it to the Xapuri foundation, a non-governmental environmental education organization that had ambitious plans but eventually became insolvent. Franco intends to take back possession of the work. The mayor of Aparecida de Goiânia is willing to finance a renovation of the monument to make it a tourist attraction. Visitors to that forest of columns are whirled into a labyrinthine Brazil, like the one ventured upon by the early European explorers who at each forest or valley were likely to come upon a new culture. ■

Arte no ar/ Flying art

A paixão de Siron Franco pela arte indígena não tem limites. Além de enfeitar o Monumento às Nações Indígenas, as figuras dos desenhos rupestres pré-históricos fazem parte da iconografia dos seus quadros e agora também levantaram vôo – pintados num helicóptero Esquilo, modelo francês, montado no Brasil.

A proposta veio de Sebastião Aires de Abreu, amigo de Siron e colecionador de suas obras, um empresário goiano que vive de comprar e vender helicópteros.

O resultado, que traz um ninho de papagaios pré-cabralinos na proa vermelha e vários outros desenhos nas laterais, ficou tão impressionante que a máquina logo mudou de dono por um bom dinheirinho a mais e já há outra encomenda.



Siron Franco's passion for indigenous art is boundless. He has incorporated prehistoric cave motifs into his pictures and now they also grace a helicopter originally owned by Sebastião Aires de Abreu, a businessman who buys and sells rotary-wing aircraft and collects works by Franco. A pre-Columbian parrot nest on the nose and several other drawings on the sides added value to the craft, which has since changed hands. Franco has been commissioned to decorate another helicopter.